

Bio-bliografia do Abade de Baçal, evocando os 120 anos do seu nascimento

POR

António Maria Mourinho *

Licenciado em História pela F. L. U. P.
Sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia
Director do Museu da Terra de Miranda
Correspondente da Academia Portuguesa da História

No dia 9 de Abril findo, perfez 120 anos que nasceu esse homem privilegiado que se exaltou a si mesmo, pela auto-disciplina e pelo estudo, pela inteligência e pelo saber, e, como coroamento destes predicados, pela obra grandiosa que construiu, as suas «*Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*», e que dá pelo nome de baptismo de fogo e de labor imenso de *ABADE DE BAÇAL*.

Baçal de Bragança é pequena aldeia do Nordeste Transmontano, localizada na planura, a nascente do rio Sabor, a 6 quilómetros da mesma cidade de Bragança.

Homem bom e magnânimo, trabalhador infatigável, até aos 83 anos, foi baptizado nessa aldeia e registado com o nome de *Francisco Manuel Alves*, com que sempre se assinou, acrescentando-lhe mais tarde por promoção superior: *Abade de Baçal*.

Antes de evocar alguns aspectos da sua vida e da sua notável operosidade, seja-me permitido referir as relações de amizade que teve, cultural e socialmente, durante muitos anos com

* Museu da Terra de Miranda — 5210 Miranda do Douro.

o Sr. Prof. Santos Júnior, Presidente do Conselho Directivo da «Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia» e orientador da sua revista, «*Trabalhos da Sociedade de Antropologia e Etnologia*», que há muitos anos tem sede na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Foi notável o intercâmbio e as relações de cultura (valha a redundância) entre o Prof. Santos Júnior, e o autor das «*Memórias Arqueológico-Históricas*» cita-o em muitos dos seus volumes.

Registamos com saudade amiga e sincera e mui grata satisfação esta data, em que ao lembrar o gigante das letras e da cultura bragançana, a marcamos também com uma carta sua inédita, datada de 20 de Março de 1945.

Deixamos aqui o nosso agradecimento à Exma. Senhora D. Maria Alcina Ribeiro Correia Afonso dos Santos, ilustre directora do Museu do Abade de Baçal, pela cedência da bela fotografia de Abade de Baçal que aqui se publica:

VIDA E OBRA DO ABADE DE BAÇAL

Habituara-me a falar com o bom Abade, sendo eu de mocidade ainda tenra, quase nos fins do curso teológico e nos primeiros do seu sacerdócio, já ele bordava pelos 80, continuei conversando com ele, mesmo de longe; quando o visitava, e, por escrito, até quase às vésperas do seu passamento, e só acreditei, porque então o tinha visto, e, conversando com ele já doente, e, ele mesmo, alma de gigante e de poeta, como que expressando uma franciscana e telúrica afeição pelas coisas simples e belas da natureza, «as suas flores e as suas pombas», duas lágrimas e caírem-lhe pelas faces aradas e trigueiras, me anunciou decididamente que «*partiria ao cair da folha*»!...

E interiorizando tranquilamente o pensamento e mirando-se exteriormente na doença que já o incapacitara de trabalhar, mas ainda o mantinha de pé, acrescenta, resignado e resolutivo: «Sei que vou partir, mas, estou preparado para aparecer diante de Cristo!»... Era em Outubro de 1947.



P.º Francisco Manuel Alves — Abade de Baçal, aos setenta anos.

E partiu! ... Mesmo ao cair da folha, a 13 de Novembro de 1947. E desde aquele fim de Julho de 1947, nunca mais eu tinha voltado a Baçal.

A campa e a lápide com a inscrição que ostenta, depois de quanto se tem dito e escrito nos jornais e revistas, certificam-me que de facto o Abade partiu e está com Cristo!

Nos assentos de Baptismo do livro correspondente desta paróquia de Baçal se vê que ele nasceu no dia 9 de Abril de 1865.

Fez 120 anos!, em 9-4-1985, que ele nasceu.

Antes de mais nada, eu quero pedir ao mundo perdão deste deabafo que é muito sincero ... quero dizer que o bondoso, o grande Abade, para mim ainda não morreu. Na humildade de um presbitério rural como o dele, de uma paróquia de entre Douro e Sabor, como esta paróquia, ele continuou a falar-me, e a dar-me conselhos de conduta humana e regras práticas da vida.

Continúa a falar-me de Etnografia, de Arqueologia e História; fala de Epigrafia, de credices e superstições populares, de numismática e literatura de contos e lendas, de rifões e genealogia, de todo esse tesouro cultural que viveu espontâneo em nossos campos e povoados, nos Arquivos e na alma da gente simples e laboriosa da nossa Terra — e distrito de Bragança que ele tão ternamente denominava o seu torrão — «os Meus Amores». (1).

Como que estou a vê-lo na sua varanda, consultando livros, ou à lareira, lendo o seu breviário, ou escrevendo os seus trabalhos! ...

E porque eu, sacerdote como ele, e porque estamos evocando a sua grandiosa obra e a sua memória gloriosa, recordemos com a liturgia católica dos mortos as suas palavras de certeza e esperança: *«Se a lei da morte certa nos entristece, também nos consola a promessa da imortalidade futura. Para*

(1) Abade de Baçal, Tomo V, «Os Judeus», XI.

os vossos fiéis, Senhor, a vida muda-se apenas, não acaba: quando termina a vida terreste, começa a vida eterna no Céu» (2).

A VOCAÇÃO E O SÁBIO

Exemplarmente cumpriu dia a dia o seu munus sacerdotal como pastor das ovelhas que lhe foram confiadas e para além desse munus exercitou nas horas vagas do seu labor paroquial outra vocação que desde a adolescência sentia viver em seu espírito — que foi a de estudar e recolher todos os dados possíveis para a história da sua querida Terra de Bragança, mas de toda a vida passada e presente, em todas as idades, mesmo as mais remotas e em todos os seus ramos, no âmbito completo da Geografia Humana.

Para um empreendimento desta magnitude necessitará de ter boa vontade, preparação e auxílio. Tudo isto Deus lhe concedeu, para alcançar este fim em todos os seus anseios.

Este homem ímpar teve estatura e construção física alentada de atleta; saúde corporal correspondente; paz e tranquilidade no seu presbitério do qual fez o seu mundo entre os livros e a horta; aliviado e repartido pela faceira junto à residência; teve amigos dedicados que estimularam, preconizaram o publicaram, com o mesmo amor à ciência e à sua terra, num alto sentido de compeensão, o resultado dos seus estudos e investigações aos quais ele apelidou carinhosa e virgilianamente os seus «queridos Mecenas». Teve ainda uma vontade inabalável de aço para examinar e estudar e recolher *in loco* o monumento e o documento, e, finalmente, uma longa vida para que essa persistência e tenacidade, amparada por todos estes dons, fosse fecunda como foi.

A nossa vocação podemos dizer que nasce do berço. A vocação literária do Abade, não foi um caso fortuito nem tardio.

A vocação do Abade para os estudos históricos e etnográficos, segundo ele mesmo confessa, (Vol. X, 544) nasceu-lhe

(2) Missal Romano, Pref. Def.

da «curiosidade afiada pela santa e inteligentíssima velhinha minha tia Luzia Alves, nascida em Baçal a 8 de Maio de 1826 e aqui falecida, solteira, sem geração, a 5 de Fevereiro de 1890, a quem eu devo inicialmente o gosto pelas antiguidades, por constantemente espicaçar a minha curiosidade com lendas, contos, anedotas e factos históricos da guerra Peninsular, em que seu pai Bernabé Alves, nascido em Baçal a 5 de Junho de 1790 militarara,... muitas vezes acalmou os meus dislates estouvados de rapaz sedento de miragens à filho pródigo». (Memórias Arq. Vol. X, 544) ⁽³⁾.

Reconhecendo pois a sua vocação, em plena juventude, iniciou-se na paleografia, na epigrafia, na arqueologia e ainda não tendo atingido os 30 anos já frequentava os arquivos e decifrava documentos.

Do seu conhecimento profundo da paleografia, adestrado por longa prática, recolheu quanto encontrou pelos arquivos das Câmaras Municipais do Distrito, no primeiro quartel deste século, procurou as colecções nobiliárquicas das casas nobres, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e outros arquivos portugueses, quando ainda pouco ou nada havia ainda publicado, a não ser os trabalhos de Alexandre Herculano; e os pergaminhos e códices dormiam por vezes em caixotes arrumados a deteriorarem-se pelo pó e pela humidade.

Foram muitas as centenas de documentos que copiou e publicou com toda a meticulosidade e verdade possível, com a maior parte dos quais compôs exclusivamente o III e IV tomos das «Memórias...».

Ao mesmo tempo ia recolhendo dados arqueológicos de pré-história, epigrafia, numismática, etnografia, cancionero etc., e este enorme espólio foi coligido nesses onze grossos volumes das «*Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*», mais um sobre «*A Restauração de Portugal no Distrito de Bragança em 1640*», incluído nos ANAIS da Acade-

⁽³⁾ Em 1889, encontrou, as «Memórias» de Contador de Argote e «outros livros determinantes, do seu ingresso nos estudo arqueológicos, que muito havia o vinham namorando» excerto de um autógrafo seu datado de Baçal, 1 - XII - 1937.

mia Portuguesa da História, mais a «*Monografia do Concelho de Vimioso*», a sua última obra, além de mais de uma dezena de trabalhos monográficos publicados de mais pequeno vulto.

Ao Museu de Bragança que tem o seu nome e ao Arquivo que nele se guarda e onde se refugiava para investigar e escrever, deu durante muitos anos, como director, muitas horas de trabalho e dedicação.

Segundo me disse, já numa das visitas a Baçal, desejava se tivesse podido, concluir um «Dicionário Geográfico do Distrito de Bragança» que principiou e se ficou a meio da letra A, escrito em folhas de papel almaço de 35 linhas e deve estar entre os seus apontamentos manuscritos. Quando me mostrou os primeiros cadernos já escritos, acrescentou: «*Continua-o tu, se puderes, nestes cadernos fica apontada toda a bibliografia para a consulta*».

Já depois de o ter visitado naquele fim de Julho referido, e nos últimos meses da sua vida que se estiolava, ainda me escreveu: «*A Monografia de Vimioso*» está pronta; a impressão do XI volume vai a passo de boi velho. Estou a acabar o índice geral dos onze volumes para publicar no fim deste e depois, já não faço mais nada».

Tinha realizado o seu sonho enorme «de rapaz sedento de miragens à filho pródigo», na sua própria e feliz expressão, mas de uma maneira diferente do moço do Evangelho. De maneira inversa: Não saíra da sua Terra, empregara toda a legítima que recebeu, sem nada malbaratar, e acumulou.

Como Fernando Pessoa, podia dizer, ao partir para a eternidade:

...«Da obra é minha a parte feita,
O por fazer é só de Deus...»

Em toda a sua vasta obra, a par da narrativa histórica ou da exposição documental, quer como preâmbulo, quer como complemento à longa exposição epigráfica, etnográfica, topónimica ou pré-histórica, abunda a sua nota pessoal, inconfundível, por vezes bizarra, mas profunda, verdadeira, plena de

saber adquirido em longa experiência de observação in loco, em farta consulta e estudo comparativo de largos anos e vastos caminhos percorridos.

Avaliemos que, para estudar o itinerário da estrada romana de Braga a Astorga, ele percorreu a pé, entre mil dificuldades e perigos (Tomo V, os Judeus, IX), a maior parte do seu velho traçado, em Portugal e Espanha, só para identificar e estudar os marcos miliários, e, por isso, cabe-lhe a glória entre os estudiosos da arqueologia romana peninsular, de ter conseguido a reconstrução do velho e autêntico traçado desta via.

A sua opinião só a formava e emitia depois de analisado o respectivo documento.

Não gostava do juízo imediato e da conclusão fácil, a não ser que fosse evidente. «Não tenhas pressa — dizia-me várias vezes — a ovelha que mais anda não é a que mais engorda».

Há trabalhos monográficos no IX, X e XI volumes que lhe levaram 40 anos a coligir, segundo me revelou noutra ocasião.

Destes podemos destacar um sobre Pré-história de 163 páginas, IX, 555-718; outro sobre Etnografia e feiticeiras, de 143 páginas, IX, 236-384; Toponímia geral do distrito 203 páginas, X, de 61-264; Crendices e superstições, 103 páginas, XI, de 14-117. Deixou-nos ainda um Mapa Arqueológico-Histórico do distrito que será indispensável a quem queira fazer qualquer trabalho monográfico sobre castros.

Apesar desta enorme economia cultural reunida, ficou longe de esgotar os assuntos, porque a terra nas suas entranhas, os arquivos nos seus imprevistos segredos, a vida e a sabedoria do nosso povo guardam um tesouro inesgotável de ciência em renovação permanente.

É verdade que os métodos de investigação, de estudo e classificação são já muito diversos do que eram há cinquenta anos e todos reconhecem que a obra do Abade precisaria ser revista e actualizada. Mas eu creio que é como ela está que tem todo o seu real mérito. Imutada e imutável, como em vida foi sempre a sua pessoa.

Alguns assuntos apenas no-los deixou enunciados. E reconhecamos que para se escrever a verdadeira e completa

história da nossa terra, há muito ainda por investigar e por encontrar.

Algo, bastante já se encontrou dessa história e dessa vida trasmontana que ainda não foi escrita e eu sei como ele exultaria de satisfação se tivesse tido ainda conhecimento das muitas dezenas de documentos medievais que se encontravam nos arquivos de Espanha sobre todo este Nordeste transmuntano e se este humilde discípulo lhe houvera podido dar a notícia autêntica das centenas de documentos que no Arquivo General de Simancas se guardam sobre a Guerra da Sucessão de 1762 e que a explosão pavorosa do Castelo de Miranda fora mera desgraça accidental e nunca qualquer traição e ali se cobrira de glória um honrado bragançano de origem mirandesa — Bento José de Figueiredo Sarmiento que antecipadamente se dispusera com todos os seus homens a defender a praça até à última gota de sangue!

O SACERDOTE E O APÓSTOLO ESCRITOR

Não podemos esquecer, neste dia 9 de Abril de 1985 os cento e vinte anos da Abade que o seu ministério católico, por ele sempre confessado com brio, foi emoldurado ao correr das obras, por uma forte mensagem legada em trabalho, exemplo e palavra, na sua prosa pessoal e massiça, com laivos de sotaque transmuntano de Entre-Douro-e-Sabor, por vezes ingénua e simples como a luz da madrugada, por vezes rica e opulenta como um altar grandioso da melhor talha barroca e por vezes ainda fulminante como uma espada de fogo.

Com quem o poderíamos comparar?...

Na sua peculiar maneira de dizer — quando escreve história — parece-nos o austero e «saboroso» Fernão Lopes.

Ao transcrever cenas da nossa vida quotidiana, campestre e quase bíblica afigura-se-me o genial e descontraído Cervantes e o P.^o Juan Ruiz, Arcipreste de Hita.

No seu desapego à *Dolce vita*, este homem frugal, despreocupado no traje, franco e transparente nas atitudes e nas palavras, agarrado ao seu bordão, calcorreando a pé os

caminhos das serras, vadeando os rios e escalando as encostas, revela a melhor eloquência franciscana dum místico, enamorado da Dona Pobreza e parece-me confundir-se com o percursor João Baptista a prevenir os grandes da Terra, adivinhando em simplicidade e secura um Mundo Novo que se avizinhava: «Nem tudo é alma, nem tudo matéria; nem tudo é espírito, nem tudo é corpo; nem tudo há-de ser oração, nem tudo buscar pão». (Memórias..., IX, 425, Art. Frades).

Recorda-nos Jesus Cristo ao ensinar-nos a louvar o «Pai Nosso que estais no Céu, santificado seja o Vosso nome... que logo manda pedir também «O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai-nos as nossas ofensas...».

É duro contra os salamaleques palacianos e os ôcos preciosismos amaneirados de alguns e, ao presenciar a mediocridade, a hipocrisia e a inveja piolhenta e inferiorizante de outros, afigura-se-me no corpo e na alma, na palavra e na pena, o grande e desassombrado S. Jerónimo, Solitário de Belém, o faiscante Doutor Máximo da Escritura, nas cartas ao presbítero Nepociano e a Marcela, Plautila e Eustóquia, que o bom Abade tanto admirava.

Ao mérito não regateava os louvores, quando a razão e a História lhos apontavam. Ouçámo-lo a saudar o espírito medieval que deu à nossa terra a crença e o pão: «Salvé crença medieva, em que os teus ministros, sensatamente equilibrados, irmanando com o povo no mesmo ideal cívico e religioso empunharam numa mão o Breviário e noutra a pena e o alvião civilizadores!». (Memórias... IX, 425, art. Frades).

Só mais outro breve apontamento sobre a sua rica personalidade que para mim é também apostólica e mais actual do que nunca: Examinem-se desapaixonadamente os seus apontamentos sobre problemas sociais e religiosos, vejam-se à luz dos ensinamentos de Leão XIII, Pio XII, João XXII e Paulo VI. — As suas ideias de então estão de acordo com as directrizes da «Quadragesimo Anno» e da «Rerum Novarum», da «Mater et Magistra» e de actual «Ecclesian Suam». «Que êles sejam um...». Non tollas eos do Mundo sed serva eos a mallo».

«Que eles sejam um... Não os tiréis do mundo, mas guardai-os do mal».

Atente-se neste laivo de ecumenismo que o grande Abade expressa em 1925, quando escreve o prefácio do tomo V das «Memórias... sobre os Judeus».

...«Alguém quererá ver neste trabalho dum sacerdote cristão, intuítos reservados de ódio sectário».

Em verdade, devo declarar que nenhuma paixão destas me move. Quando escrevo olho aos factos e não às pessoas ou colectividades.

Para mim, um protestante, um judeu, mahometano, bramamista, confucionista, zoroastrista ou outro de qualquer religião que seja, quando de boa fé, merece-me todo o respeito e veneração. Todos adoram a Deus e só no modo da adoração divergem, resta-me lamentá-los como cristão e orar por eles.

Odiar o Jeovista?... pois não é pela graça de Deus que eu sou cristão, por nascer e ser educado nesta religião como seria protestante, judeu, maometano, se nascesse noutra terra e e até indiferentista se assim me tivessem dirigido?..».

— Ele foi, em nossa terra, o único precursor altaneiro de alguns edeais definidos no Concílio Vaticano II.

E a sua humildade profunda é a sua maior grandeza. Como os valentes lutadores medievais, ergue as mãos para Deus e antes de partir, submete os seus juízos estritos e ditos ao juízo da Santa Igreja de que sempre se confessa ministro.

Foi grande em tudo este sacerdote bom, profundamente humano e singular:

Grande,
na sensibilidade e na ternura,
na simplicidade e na verdade,
na sabedoria e no trabalho,
na persistência tenaz e na realização,
na saúde e na doença,
no corpo e no espírito,
na bondade e no amor.

— Foi grande na vida e continuará a ser grande para além da morte!

FINALMENTE — O MONGE POETA
E O PASSARINHO!...

O último capítulo desta vida tão rica de beleza estranha é um maravilhoso e desconcertante poema lírico.

Este homem raro que ouvira e contemplara em oito dezenas de primaveras, as cotovias, os rouxinóis e as andorinhas nos beirais da sua casa e pelos bardos e silvados do agro circundante — verdadeiro poeta de Deus e da natureza — por estranha coincidência — é solicitado pela mesma natureza viva e simples encarnada na insignificante avezinha outonal, um porco-pisco, ao seu último diálogo nesta vida, durante os seus três derradeiros anos, como que a anunciar-lhe a grande jornada da Eternidade em Deus *«onde só se fala a linguagem do Amor»*, no dizer do saudoso Papa João

E eu vejo na linguagem comovida do Abade, em seu diálogo com o pisquinho, na sua expressão quase telúrica e sublimada de emoção e sinceridade — a antevisão da sua breve comparência diante de Cristo onde agora vive — e o nascimento de um novo cântico do Irmão Sol — transposto em beleza e amor das florestas medievais da Úmbria, setecentos anos depois, para aquela predestinada Aldeia de Baçal!...

Em 1987, faz quarenta anos que êle faleceu.

A 120 anos, depois do seu nascimento, e após quase quatro lustros da sua morte o Abade de Baçal continua vivo!...

CARTA DO ABADE
« — MEU CARO MOURINHO :

«Causou má impressão o final da entrevista, (1) tenho recebido várias cartas de protesto e pessoalmente muitas me têm

(1) Esta entrevista foi publicada na página «Letras e Artes» em fim de Janeiro de 1945.

expressado a sua indignação chegando mesmo a vir a Baçal pessoas até desconhecidas para mim.

É possível que não se calem, que eu tenha de dizer algo mas de luva branca de maneira que nem fale em ti e fiquemos ainda de melhores relações do que tínhamos.

Quero-te bem, e sobretudo espero que serás o meu continuador na carolice pela nossa Terra.

Para o culto de N. Senhora na diocese tenho o santuário Marião que está ao teu dispôr. Agora pediu-mo o P.^o Manuel Pires do Seminário ⁽¹⁾ porque parece que da incumbência do bispo (sic) quiere fazer algo para as comemorações quatricentenárias.

Em tempo o bispo também me pediu para fazer a história disso; mas escusei-me por falência de linguagem mística adequada e porque me metem nojo aquelas milagreiras sem critério atribuidas pelo Santuário às aparições de N. Senhora:

Publica a lápide de Palaçoulo, mas quanto à leitura não digas nada, porque a leitura é difícil.

ATTE LUCI, são dois nomes próprios e não um só, como dizes, devendo portanto intender-se ATTE LUCI, mas isto tem as suas dificuldades que agora não posso tratar, em podendo direi. Entretanto se, em vez de ATTE fosse ATTO, as dificuldades abrandavam um pouco.

No Mirandês nada te posso ajudar porque não sei mas em conversa com três padres do seminário que me falaram no caso, disse-lhe que tu estavas no bom campo.

Saúde e paz te deseja o teu dedicado,
Baçal, 20 - 3 - 1945

Francisco Manuel Alves»

(1) Actualmente D. Manuel António Pires, Bispo resignatário de Silva Porto em Angola, Varão digno, sempre estudioso e letrado a quem Deus conserva.

Meu caro M. de Baçal
 Causou-me impressão o final da publicação. Também não
 cabido tantos contos de fada e favelas, muito me
 temo referir a dar indignação dos jovens mesmo e não as
 boas pessoas ali descuidadas fora.

É possível, e não se calar, que se tenha de dizer algo
 mais de nova maneira de maneira que não seja só
 a ligamos ainda de melhores relações de que tinhamos
 Lembro-te bem e sobre tudo a parte que deixas o meu
 conteúdo me caridade sobre minha terra.

Para o culto de N. Senhora me dá-se tanto o
 Santuario Mariano que está ao lado do par. e para
 fazer parte em o P. M. de Antonio Pires, de S. Joazeiro
 não porque houve que de incumbência do bispo quem
 fazer algo para as comemorações que ali acontecerão.

Fig. 1 — Fotocópia da carta do Abade de Baçal

Eu tenho o Grego também um pedrinho para fazer a his-
 tória da: mas concorre-me por falarem a língua
 minha e a grega e porque me matam mais aqueles
 milagres sem critério até uns pelo S. Antonio
 os apóstolos de N. Senhora.

História e habido de Palacou, mas quanto a letra
 na mão fica mais feio a letra é difícil.

ATTE LUCI São São meus filhos e não um só
 como disse, sendo bastante também a ATTE LUCI
 mas isto tem duas dificuldades em agora não posso
 tratar em todos de si. Entretanto de em vez de
 ATTE fosse ATTO as dificuldades abandonaram o
 nome.

No meu jardim não tem mais afusão porque não sei,
 mas em conversa com três filhos do Seminário que me
 falaram no caso disse-me que tem a casa em bom campo
 grande e para o cargo e tem a igreja

Baçal
 2013-11-15 Francisco Manoel Alves

Fig. 2 — Fotocópia da carta do Abade de Baçal

NOTAS

1 — Está fazendo 40 anos que esta carta foi escrita pelo saudoso Abade.

Têm-se dito por aí, privadamente e em sessões públicas e outros o têm escrito em jornais, em revistas e em livros que eu sou o *sucessor do Adade de Baçal*. Como se pode ler acima foi o próprio Abade que escreveu essa esperança de que eu seria o seu continuador na carolice pela nossa Terra. Na carolice pela nossa Terra, sim tenho continuado, carola e amigo da nossa Terra, até o limite das minhas forças — sucessor na sua obra, é empreendimento impossível. A obra do Abade é um monumento enorme e único, sui generis, que engloba a ciência e o amor pela terra, a erudição pasmosa e o tesouro enorme da sua sabedoria colhida no campo, no povo e nos livros; Mestre na investigação, na interpretação, e na intuição do próprio saber. Eu nunca passei, nem passarei de um simples pigmeu, junto d'ele, que era gigante em tudo.

2 — Quanto à leitura da lápide de Palaçoulo, o Abade estava à altura da investigação em meados deste século e a par da onomástica romana aparecida na Península; porém laborava em equívoco, pois o Tomo III (de Hübner) do C. I. L. ⁽¹⁾ datado do ano 1869 já regista na epigrafia Ibérica de nomes ATTA f. (2683 e 2684 pág. 273 — «Licínie ATTE uxori, e Minície ATTE», em termos e forma iguais à lápide de Palaçoulo. Essas duas lápides aparecem na cidade de Leon, na Hispania Tarraconense. E é bastante comum registá-la em as inscrições, *Licínie-ATTE — por Licíni(AE) — ATT(A)E uxori*) em dativo. Em Espanha, hoje os epigrafistas interpretam facilmente estes casos communs. Escreviam como pronunciavam — «Se comian la A' Y la N iotros mas» — (Diz uma autoridade espanhola em epigrafia Latina).

(1) Corpus Inscriptinum Latinarum, II.

No n.º 2673 do mesmo Tomo do C. I. L., aparecia na mesma cidade de Leon, outro caso bem definido noutra lápide nas mesmas condições :

D. M.	Aos deuses Manes
AEBUTI	AEBUTIA
AE ATTE- (Aliás ATT(A)E	ATTA (filha de EBUTIO)
AEBUTI (F.)	falecida de XXV. anos
A XXV	

Noutra carta adiante o Abade fala-me novamente na lápide de Palaçoulo e ele publicou depois no Vol. XI págs 432 das suas «Memórias».

O caso está hoje esclarecido já o estava naquele tempo, pois o C. I. L. (²) é sempre básico para o esclarecimento da onomástica latina epigráfica, apesar de já existir vasta investigação e bibliografia específica, ao mais alto nível.

(²) Corpus Inscriptinum Latinarum. II — respeitante à Hispânia Citerior e Tarraconense.